

Beatriz Silva Bogarim  
Graduada em Ciências Sociais, mestranda em Antropologia Social  
beabogarim@gmail.com

Ana Adelaide Ortega  
Graduada em Ciências Sociais, mestranda em Antropologia Social  
anaortega.ad@gmail.com

## RESUMO

As pousadas situadas no Pantanal Sul, mais especificamente na comunidade ribeirinha do Passo da Lontra, estão inseridas em um contexto turístico em constante transformação, ajustando-se às mudanças no cenário local. Nesse contexto, as desigualdades sociais e econômicas emergem como fatores resultantes do desenvolvimento do turismo, que se posiciona como uma atividade geradora de emprego e renda. Neste artigo, as mulheres trabalhadoras do turismo, são as vozes da pesquisa, cujo objetivo é compreender o papel da mulher no turismo do Pantanal, com ênfase na reprodução do trabalho doméstico. A metodologia utilizada combinou teoria e prática etnográfica, com imersões de campo, aproximação com as interlocutoras e entrevistas, cujos dados foram analisados a partir das perspectivas da geografia, turismo e antropologia. Em um contexto de exclusão, vulnerabilidade e negligência política e social, os resultados da pesquisa revelam as contradições e desafios enfrentados pelas mulheres ao lidarem com as dinâmicas do trabalho e do turismo na região.

**Palavras-chave:** Mulher; Trabalho; Turismo; Pantanal.

## ABSTRACT

The inns located in Pantanal Sul, more specifically in the riverside community of Passo da Lontra, are inserted in a tourist context in constant transformation, adjusting to changes in the local scenario. In this context, social and economic inequalities emerge as factors resulting from the development of tourism, which positions itself as an activity that generates employment and income. In this article, women working in tourism are the voices of the research, whose objective is to understand the role of women in tourism in the Pantanal, with an emphasis on the reproduction of domestic work. The methodology used combined ethnographic theory and practice, with field immersions, contact with interlocutors and interviews, whose data were analyzed from the perspectives of geography, tourism and anthropology. In a situation of exclusion, vulnerability and political and social neglect, the results of the research reveal the contradictions and challenges faced by women when dealing with the dynamics of work and tourism in the region.

**Keywords:** Woman; Work; Tourism; Pantanal.

## RESUMEN

Las posadas ubicadas en Pantanal Sul, más específicamente en la comunidad ribereña de Passo da Lontra, se insertan en un contexto turístico en constante transformación, ajustándose a los cambios del escenario local. En este contexto, las desigualdades sociales y económicas emergem como factores resultantes del desarrollo del turismo, que se posiciona como una actividad generadora de empleo e ingresos. En este artículo, las



trabajadoras del turismo son las voces de la investigación, cuyo objetivo es comprender el papel de la mujer en el turismo en el Pantanal, con énfasis en la reproducción del trabajo doméstico. La metodología utilizada combinó teoría y práctica etnográfica, con inmersiones de campo, contacto con interlocutores y entrevistas, cuyos datos fueron analizados desde las perspectivas de la geografía, el turismo y la antropología. En una situación de exclusión política y social, vulnerabilidad y abandono, los resultados de la investigación revelan las contradicciones y desafíos que enfrentan las mujeres al abordar las dinámicas del trabajo y el turismo en la región.

**Palabras clave:** Mujer; Trabajo; Turismo; Pantanal.

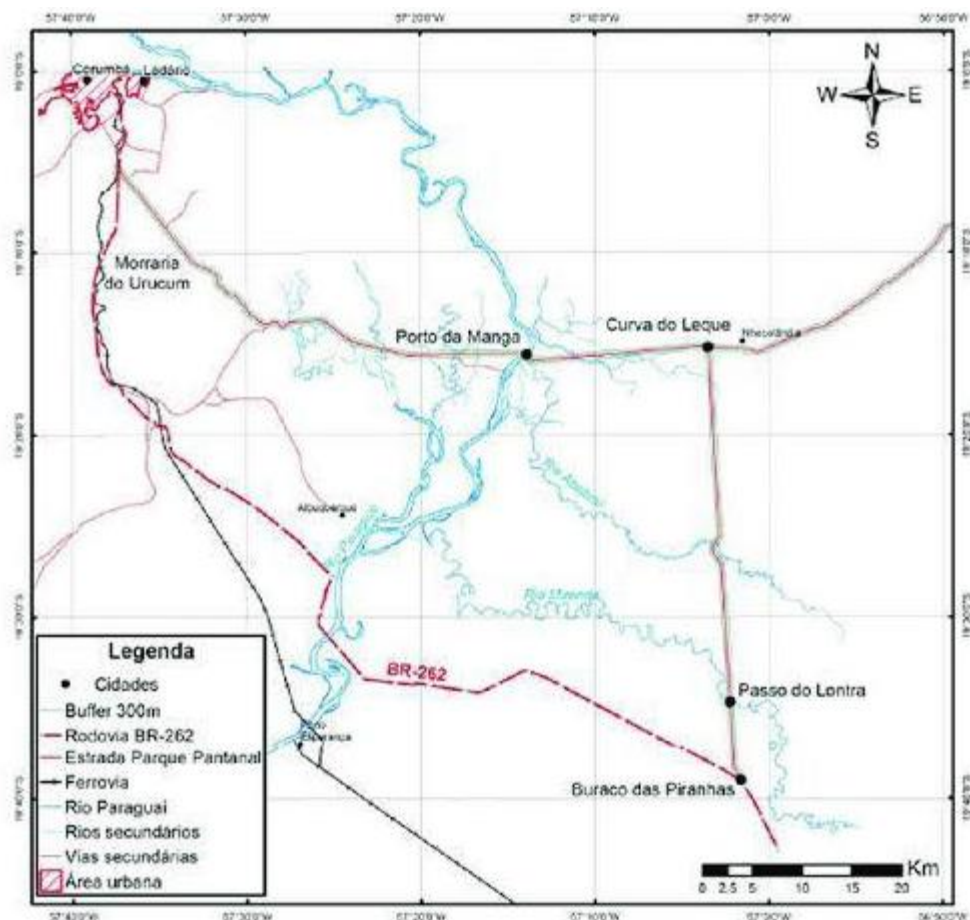
## 1. INTRODUÇÃO

O Pantanal, área de estudo desta pesquisa, abrange aproximadamente 150 mil km<sup>2</sup>, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020), ocupando 1,76% do território brasileiro, localizado nos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, além de partes na Bolívia e no Paraguai. Essa região transfronteiriça é a maior extensão úmida contínua do planeta e a planície aluvial da bacia do Alto Paraguai, rica em fauna, flora e com uma população diversa em culturas, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura – UNESCO, como Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera Mundial.

O cenário da pesquisa situa ao longo da Estrada Parque Pantanal – EPP (Figura 1) elencado por abranger comunidades ribeirinhas como a do Passo da Lontra, às margens do rio Miranda, a do Porto da Manga, à beira do rio Paraguai, dentre outras ao longo da estrada. A EPP, além de atender a produção pecuária pantaneira, serve como uma espécie de atrativo turístico, devido ao expressivo número de turistas que circulam entre os dois principais rios da bacia do Alto Paraguai. Considerando a extensão da estrada, se fez necessário estabelecer um recorte espacial, qual seja, a comunidade Passo da Lontra, localidade do município de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, que tem sua história diretamente relacionada, primeiramente, à produção bovina de corte, quando servia de entreposto comercial, paragem de ônibus e veículos e, a partir da segunda metade do século passado, começou a acolher homens, mulheres e crianças que ali chegavam atraídas/os pela possibilidade de trabalho na atividade turística que dava os primeiros passos para o desenvolvimento e a consolidação na região.



**Figura 1** - Localização da Estrada-parque Pantanal



Fonte: IESP (s/d, s/p)

Nesse ambiente, o trabalho da mulher se mostrou essencial, tanto que essa discussão tem como objetivo a compreensão do trabalho da mulher no turismo do Pantanal, tomando como base a invisibilidade do trabalho doméstico e a economia do cuidado.

A análise do trabalho da mulher no Pantanal revela contradições entre o belo e o hostil, a patroa e a empregada, a riqueza e a pobreza, refletindo a pluralidade de costumes e significados das mulheres pantaneiras, que se reinventam constantemente em busca de sobrevivência. Desse modo, essa pesquisa foi construída a partir do levantamento bibliográfico dividido em três blocos: o Pantanal, o mundo do trabalho<sup>1</sup> feminino e o ser mulher, atentando para questões que possam aludir a visão dinâmica de marcadores étnicos e culturais presentes na região pantaneira.

<sup>1</sup> [...] o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade. Ou seja, é um mundo que passa a existir a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho, e simultaneamente conformam e regulam tais atividades (FIGARO, 2008, p. 92).



## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A representação do feminino em uma comunidade ribeirinha

O início da ocupação da comunidade ribeirinha Passo da Lontra conta desde meados do século passado, com a instalação de uma pequena vila de trabalhadores da pecuária que chegavam até o local para trabalhar nas fazendas que dominavam o cenário econômico.

A área se encontrava nas terras de grande propriedade local, a fazenda São Bento (BANDUCCI JR, 2002). A vila tem sua história marcada pelo rio Miranda, onde antes de se tornar habitada por uma população ribeirinha, era local de passagem de pessoas e produtos em direção a Corumbá. Os viajantes a caminho da referida cidade faziam a travessia dos rios em balsas antes da construção da ponte de madeira, sobre o rio Miranda, o local também era conhecido por ser rota para transportar gado. É importante relatar que a travessia do rio Paraguai ainda é feita por balsas.

A pecuária bovina de corte, considerada a base econômica da região rompeu essa estrutura na década de 1980 com a crise dessa atividade. Assim, a então vila que estava se formando por meio dos trabalhadores da atividade pecuária estabelece a perspectiva de se tornar atrativo turístico considerando a piscosidade do rio Miranda.

A presença constante de pescadores esportivos, desde o final dos anos de 1970, tem interferido de forma significativa na vida da população ribeirinha da região. Se o turismo desempenha, de um lado, um papel importante no incremento da economia, ao criar as novas frentes de trabalho e movimentar o comércio das pequenas cidades pantaneiras, de outro ele traz impactos negativos para as atividades dos pescadores artesanais, seja por interferir no meio ambiente, exercendo forte pressão sobre o estoque pesqueiro, seja por modificar sua cultura, impondo uma dinâmica diferente a vida da população ribeirinha (BANDUCCI JR, 2002).

A região do Passo da Lontra começou a receber incentivos para o turismo no final da década de 1970 (BANDUCCI JR, 2002) para a implantação de infraestrutura hoteleira e o surgimento de novas relações sociais dos moradores com os visitantes, como turistas, pesquisadores, fazendeiros e novas possibilidades de trabalho. O estabelecimento do turismo como uma das atividades econômicas para a região ganhou força de forma processual, reorganizando espacialmente a comunidade (Figuras 2 e 3).



**Figura 2** - Comunidade do Passo da Lontra do alto, ponte sobre o rio Miranda



Fonte: RIBEIRO, M. A. (2022).

**Figura 3** - Ponte sobre o rio Miranda



Fonte: RIBEIRO, M. A. (2022).

A diversidade socioterritorial do Pantanal é marcada por movimentos, fluxos, trânsitos e disputas que transitam nas fronteiras geográficas, e nessa fricção interétnica está a comunidade ribeirinha do Passo da Lontra. As ações e demandas da localidade estão relacionadas diretamente ao



fluxo das águas do rio Miranda, onde é possível entender a inserção da produção turística e o papel da mulher na sociedade pantaneira com a chegada do turismo (THOMÉ, 2018).

Assim, a “vilinha” como é carinhosamente conhecida pelas/os moradoras/es se firma a cada temporada de pesca e contemplação como um território integrante e essencial da produção turística e pecuária do Pantanal, tendo no trabalho da mulher a sustentação econômica do pequeno comércio local, que conta com mercearia, lanchonete, restaurante, salão de beleza, ambulantes e estande de venda de isca e artefatos para pesca.

Para adentrar no espaço geográfico da comunidade e pensar na mão de obra feminina, foi preciso voltar para a teoria para, assim, conhecer os aspectos gerais do Pantanal, suas tradições e mudanças, entendendo os efeitos da inserção do turismo e enquanto processo de construção identitária, em que os sujeitos locais incorporam símbolos desse ambiente que refletem nas relações sociais, nas construções familiares e nos limiares do trabalho, seja com a pecuária ou com o turismo.

O turismo no início da década de 1970, realizado sem nenhum tipo de controle ou fiscalização, ocasionou danos irreparáveis ao meio ambiente, tanto que a esgotabilidade dos recursos naturais começou a ser discutida de forma mundial e, como proposta estaria a valorização mercantil do ambiente e a racionalização e controle de uso pelo mercado.

Segundo os escritos de Machado e Braticevic (2017), a prática turística que abrange especialmente a comunidade do Passo da Lontra passa por vertentes em constante inovação e adaptação, flutuando entre o turismo de pesca e o turismo contemplativo, logo:

A autora destaca o comportamento humano no consumo do lugar, onde o turista busca uma experiência e quando esta se esgota, parte em busca de outra que remeta ao mesmo sentimento de saciedade. Nesse sentido, podemos compreender o movimento da segmentação do turismo, tendo em vista a constante necessidade de aprimorar as suas especificidades e adaptá-las ao consumo dos turistas. (MACHADO; BRATICEVIC, 2017, p. 467).

Dessa forma, procurar entender as territorialidades pelas quais a região passou por meio das atividades econômicas auxilia na compreensão da dinâmica das/os trabalhadoras/es locais e o desenvolvimento das relações sociais estabelecidas, tendo noções de como a/o trabalhador/a deve lidar com o ambiente ou o modo de produzir sua existência.

Nesse universo o trabalho feminino desponta como de suma importância no avanço e na manutenção do turismo na localidade, sendo desenhado para além do âmbito do lar, dos cuidados<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Ao considerar o cuidado desta maneira, a mulher é posicionada como trabalhadora de segunda classe, tendo seu trabalho desvalorizado (HIRATA, 2022).



com a família e a casa, galgando postos de trabalho na rede hoteleira pantaneira, nas mais diferentes funções dentro da cadeia produtiva do turismo.

### **3. METODOLOGIA**

Por uma perspectiva qualitativa, a metodologia se estabelece entre a teoria e prática do fazer etnográfico na antropologia. Tendo a ideia de formulações teórico-etnográficas (PEIRANO, 2014), para descrever as mulheres da comunidade do Passo da Lontra foram realizadas observações diretas entre os anos de 2023 e 2024. O trabalho de campo contou com viagens até a comunidade, tendo como apoio e orientações para a prática de pesquisa ferramentas antropológicas que conduziram a uma análise mais precisa da situação diante das conversas com as mulheres que vivem e produzem na delimitação territorial da pesquisa.

A valorização do olhar, o ouvir e até o momento da escrita contam com a domesticação teórica do trabalho de campo (OLIVEIRA, 1996), a construção bibliográfica e prática etnográfica, identificando ações densas e ricas em reflexões, a partir da geografia, da antropologia, do turismo e dos estudos sobre mulheres. Para auxiliar e dar embasamento na observação participante, as leituras sobre o Pantanal foram importantes. De forma multidisciplinar, o Pantanal é identificado na antropologia (BANDUCCI JR, 2002), além da geografia (THOMÉ, 2008; RIBEIRO; MORETTI, 2014; RIBEIRO; VARGAS, 2021). Para assim, construir e produzir um campo cheio de observações, questões e tensões dentro do que já foi visto, ouvido e escrito.

Desse modo, o processo etnográfico aqui vivenciado, preza pelo diálogo com os sentidos e efeitos durante o campo. A análise parte do contato mais aprofundado a partir das experiências que consistem em acompanhar o trabalho diário e, dessa forma, entender a história dessas mulheres e as configurações de trabalho no turismo. A última etapa da metodologia consistiu na sistematização dos dados de pesquisa contando com a finalidade de alcançar os objetivos geral e específicos. Sendo assim, o trabalho doméstico recai em sua maioria na figura feminina, pensado dentro das especificidades do Pantanal Sul-mato-grossense.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **4.1 Quando a mão de obra é feminina, o trabalho é doméstico**

A imagem dos peões é a primeira imagem referencial de um dos grupos de trabalhadores que mais se destacam, ligados diretamente com as atividades com o gado e o “ser” pantaneiro. Mas, e a mulher? Quando se pensa nas características, nos hábitos e nos costumes de quem vive no Pantanal, primordialmente recaem no homem pantaneiro. Descrito na literatura, na música e na poesia regional. Aquele que vive na solidão, que desbravou as matas e os rios, um homem



acanhado, mas forte - o peão pantaneiro - com botinas que servem para montar no animal e dominá-lo, usam cinturão que abriga a faca, o revólver nas costas e o chapéu de carandá que serve de proteção do sol.

Esses profissionais do sexo masculino se dividem entre o “peão do campo” e o “peão praieiro”, sendo esse segundo aquele que realiza os trabalhos de manutenção e reparo do terreno, que faz as cercas a fazenda, limpa e alimenta os animais de criação (BANDUCCI JR, 2002). A imagem feminina no Pantanal fica em segundo plano, pela visão sistematizada do homem, aquele que está à frente dela em casa, no campo e no lazer, ela se vê entremeada pela sombra da cortina da casa ou do sobrenome do pai ou do marido, fazendo seu serviço em silêncio e o mais discretamente possível, ocupando os espaços ditos não sociais da casa, ou seja, a cozinha e os quartos.

Ainda em Banducci Jr. (2002), a relação de trabalho da mulher nas fazendas correspondia muitas vezes às funções hierárquicas que o marido ocupava, como, por exemplo, se o homem fosse capataz, normalmente a esposa é quem “cuidava” da casa grande e era responsável, também, pela venda de mercadorias do armazém da fazenda. Já as mulheres dos peões, tinham como certo o trabalho na cozinha, nos serviços gerais e tinham que estar disponíveis como lavadeiras quando a família do fazendeiro solicitava.

O trabalho feminino no Pantanal, mesmo ocupando esse papel de coadjuvante na história regional, tem marcas desde o início de sua ocupação por não-indígenas, onde, desde então, as mulheres deixavam suas marcas na produção de um, então, ambiente novo e hostil. Nos estudos de Ribeiro, Vargas e Araújo (2021), a mulher, progressivamente, começa a ganhar visibilidade como protagonista na construção econômica, social e territorial do Pantanal conforme a pecuária foi se expandindo:

Entre as tarefas domésticas que envolvem os cuidados e gestão do lar e da família, assim como a lida cotidiana com os animais, as plantações, as coletas dos bens que a natureza dispõe, convivendo com as intempéries próprias do lugar, a mulher pantaneira apresenta-se como símbolo de força e resistência. Seja a ribeirinha ou a pecuarista, de diversas origens, raças e cores, todas precisam ser a representação máxima do feminino para desbravar os ambientes que compõem o bioma Pantanal (RIBEIRO; VARGAS; ARAÚJO, 2021, p. 30).

Pensar na imagem da mulher pantaneira desencadeia a noção de presença e ausência desde a história de ocupação até as colocações no mundo do trabalho que as mulheres têm no atual momento histórico do Pantanal. Essas mulheres estão presentes como cozinheiras, curandeiras, parteiras, pecuaristas, peoas, administradoras, gerentes, professoras, camareiras, tratoristas, barqueiras, comerciantes, autônomas, pescadoras, isqueiras<sup>3</sup> e outras funções que vão surgindo. Isso

---

<sup>3</sup>As isqueiras são coletoras de iscas, para exercer a atividade é necessário permanecer submerso em água por longos períodos, em turnos que podem durar até 10 horas. As iscas são consideradas peixes pequenos, como a Tuvira, Jejum e Lambari, além de caranguejo, caramujo, minhoca e muçum.



posto, possibilita compreender a sua importância na engrenagem econômica local e na manutenção do produto pantaneiro no mercado mundial. Nesse contexto, a dinâmica econômica da região, que tem como principal fonte de recurso a pecuária bovina de corte e o turismo, perpassa pelas relações entre o ser homem e ser mulher e se fazem presentes para pensar no modo de trabalho que sustenta a região.

Apesar do aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, as segmentações horizontais e verticais entre empregos masculinos e femininos permanecem. As desigualdades salariais persistem e as mulheres continuam a assumir o trabalho doméstico como uma extensão do lar, acumulando obrigações e cuidados da casa e dos familiares.

De acordo com os estudos de Thomé (2018), com a chegada do turismo na região pantaneira, a rotina de trabalho das mulheres não se alterou, elas ainda mantêm suas demandas em torno de atividades domésticas como lavar, cozinhar e limpar, atuando no turismo como guia, dona de casa, camareira, piloteira<sup>4</sup>, entre outras (RIBEIRO; MORETTI, 2014). O turismo agora é parte do cotidiano daquelas que desdobram suas atividades laborais entre os cuidados com a casa e o trabalho nas pousadas, esse último tendo como diferencial o cumprimento de regras, obrigações e horários, além de receber pequena remuneração.

Segundo Maria Inês<sup>5</sup>, moradora do Passo da Lontra e trabalhadora na pousada local, o patrão dita as normas de trabalho, caso a pousada receba um novo grupo de turista em horário não convencional, a empregada precisa se adequar e trabalhar, independentemente de ser remunerado pelo serviço extra, em uma condição de subjugada porque não pode correr o risco de perder o emprego, em um modelo que reproduz o trabalho doméstico realizado em suas casas, onde a mulher está sempre à disposição dos afazeres cotidianos, independente da hora, da disponibilidade ou do querer. Nesse ambiente de contrastes e contradições nas relações entre empregadas e patroas, a hierarquia perpassa os “combinados”.

A palavra “doméstico” é relativa, normalmente, ao lar, à família, à vida particular de uma pessoa, que vive ou é criada dentro de casa ou em dependência desta, pressupõe que o trabalho doméstico esteja restrito à esfera feminina e privada da vida social. De acordo com Baptista (2011) existem outras possibilidades de interpretação do conceito, colocando-o como uma categoria que abrange as ações realizadas nas casas de outras famílias, sem que necessariamente tenham ligação familiar, estendendo para os trabalhos realizados com vínculos de empresas, como, por exemplo, na rede hoteleira.

Dessa forma o trabalho doméstico no Passo da Lontra pode ser identificado dentro de três formas: não remunerado, remunerado formal e informal. Conforme mostra o quadro 1 abaixo.

<sup>4</sup> Aquele ou aquela que pilota barcos e/ou vive da pesca no Pantanal, atribui-se o trabalho com barcos no rio.

<sup>5</sup> Conversa realizada com Maria Inês, 10/11/2023. Passo da Lontra, Corumbá-MS.



### Quadro 1 - Conceituando: trabalho doméstico no Passo da Lontra, Corumbá – MS

Formas de trabalho doméstico:	Designações:	Funções:
Trabalho doméstico não remunerado	Dona de casa, Do lar	Cozinhar, Limpar, Cuidar das pessoas, Cuidar da plantação
Trabalho doméstico remunerado formal	Trabalhadora	Cozinheira, Camareira, Serviços gerais
Trabalho doméstico remunerado informal	Diarista	Cozinheira, Camareira, Serviços gerais

Fonte: Bogarim, 2024.

A mulher que desenvolve o trabalho doméstico em sua própria casa, não reconhece este como uma atividade profissional, tão pouco a família e a sociedade à sua volta, mesmo que disponha de tempo e dedicação diuturna, tanto que não há nenhum tipo de remuneração ou seguridade social. Uma interlocutora que optou por não ser identificada, relata “eu faço isso (trabalhar em casa) desde pequena, sou a mais velha das irmãs então eu tinha que cuidar delas e fazer a comida. Minha mãe cuidava da casa e costurava pra fora”<sup>6</sup>. Essas mulheres são designadas pela expressão “do lar” e/ou “donas de casa”, nomenclatura adotada pelas famílias terem a prática do trabalho doméstico desde a mais tenra idade.

Segundo Márcia Neves (2016), no livro “Trabalho invisível, profissão ‘do lar’”, o trabalho feminino enfrenta questões primordiais, como a desvalorização, mesmo com o espaço no mercado de trabalho se fortalecendo no cenário feminino, a execução do trabalho doméstico ainda é qualificada como algo inferior, essa compreensão remonta os tempos do modo de trabalho escravocrata, que colocava o trabalho doméstico em níveis inferiores. O sentimento de inferioridade persiste até os dias atuais, mesmo dentro de outras formas, sejam elas inconscientes ou veladas.

Mas afinal, o que faz uma dona de casa?

A dona de casa cuida das finanças da casa, do cardápio, abastece a dispensa, executa, organiza e limpa a cozinha assim como o restante da casa, vistoria e efetua a manutenção do vestuário de cada membro da família, além de cuidar do bem-estar dos mesmos, assim como dos animais de estimação, quando a família possui, entre outras atividades. Depois de fazer tudo isso a mulher ainda tem aquela sensação que está faltando algo. Por quê? Por quê? (NEVES, 2016, p.46).

A relação entre o trabalho doméstico e o sentimento de inferioridade marca a vida das mulheres, resultando no modo em que se entendem, ou melhor, se desentendem como trabalhadoras. O trabalho doméstico é considerado reprodutivo, pois reproduz diariamente tarefas fundamentais para a manutenção da vida, como o preparo de alimentos, a limpeza e manutenção da

<sup>6</sup> Conversa realizada em 20/03/2024. Passo da Lontra, Corumbá-MS.



casa, acompanhamento dos estudos e cuidados com as crianças, atenção com as pessoas idosas e doentes que compartilham a moradia.

O trabalho produtivo tem valor de troca no capitalismo, que resulta em bens e são compensados na forma de um salário. Segundo Silvia Federici (2019), o sistema capitalista depende do trabalho não remunerado (doméstico) das mulheres para acumular, mantendo uma relação de dependência entre ambos, em outros termos, o trabalho doméstico em suas diferentes funções intervém para preparar os bens que outros trabalhadores consomem. Como exemplo, o trabalho doméstico remunerado informal pode ser analisado na figura 4.

**Figura 4** - Exemplo de trabalho doméstico remunerado informal



Fonte: Bogarim, 2024.

O cartaz, localizado em uma das casas do Passo da Lontra, indica a costura e higienização das roupas que são realizadas primordialmente para quem trabalha com o turismo. Soraya<sup>7</sup>, com seus 50 anos de idade é a dona dessa casa e trabalhadora, cuida desses afazeres e diz ser um “trabalho mais leve” para quem viveu trabalhando de cozinheira e doméstica nas cidades ao redor do Pantanal e nos hotéis que entrelaçam a comunidade.

Nas pousadas pantaneiras o trabalho doméstico é moldado e adquire formas e dimensões a partir de como é estabelecida essa função, imprimindo uma vertente sazonal, considerando os

<sup>7</sup> Conversa realizada em 20/03/2024. Passo da Lontra, Corumbá-MS. O nome verdadeiro foi preservado, a pedido e orientação da interlocutora.



períodos de suspensão da pesca, denominado piracema (RIBEIRO; VARGAS; ARAÚJO, 2011). As mulheres que atuam nesse sistema são consideradas trabalhadoras sazonais, elas permanecem nas comunidades no período de abertura da pesca, que é quando as pousadas recebem maior número de hóspedes e precisam aumentar o contingente de empregadas para atender a demanda, sendo remuneradas no sistema de diárias. Ao término da temporada de pesca as pousadas, que atendem quase exclusivamente ao turismo de pesca, dispensam as trabalhadoras.

Sem remuneração, elas têm a opção de se manterem na comunidade de origem fazendo pequenos “bicos” para ter uma renda complementar ou seguem para cidades do entorno do Pantanal, como, Aquidauana, Miranda, Corumbá e Coxim para trabalharem como empregadas doméstica mensalista ou diaristas, sempre em atividades de baixo rendimento e em constante estado de vulnerabilidade social.

Os desafios enfrentados pelas mulheres pantaneiras também dependem do meio em que estão inseridas. As mudanças climáticas, o período de estiagem e de queimadas interfere em suas relações econômicas, sociais e de saúde. A dupla jornada de trabalho e a invisibilidade de suas contribuições laborais, afetam a qualidade de vida e o bem-estar, que por vezes são esquecidos quando o ritmo de vida ditado pelo mundo globalizado, leva a fadiga extrema e a mulher é impedida de “se ver” diante do estresse, da angústia e da ansiedade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe à tona contradições e desafios enfrentados pelas mulheres na comunidade ribeirinha do Passo da Lontra, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, ao confrontar as dinâmicas de trabalho e o turismo na região. Por meio de uma análise criteriosa da literatura e do trabalho de campo, foi possível compreender como as transformações sociais e econômicas, impulsionadas pelo turismo, reforçam desigualdades de gênero e perpetuam a invisibilidade e o acúmulo do trabalho doméstico das mulheres pantaneiras.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em áreas rurais se mostra escassa, enquanto o emprego informal se consolida como uma realidade predominante para diversas mulheres. Esta dinâmica espelha a escassez de alternativas formais e está entrelaçada por uma complexa teia de relações laborais que, embora frequentemente obscurecida, desempenha um papel crucial na sustentação existencial e econômica do turismo no Pantanal.

A atividade turística na região pantaneira recebe visitantes de diferentes locais do Brasil e do mundo, e tem na mão de obra feminina o elemento essencial para o funcionamento das pousadas, *campings*, ranchos e barcos de pesca, além do trabalho considerado indireto, como o de lavadeiras, babás, dentre outros. Essas mulheres, muitas vezes invisibilizadas, desempenham funções que



asseguram a manutenção do produto turístico pantaneiro no mercado internacional, a despeito da baixa remuneração e da falta de garantias trabalhistas, favorecendo apenas as pessoas que estão no topo da cadeia produtiva.

O Pantanal, amplamente promovido como um destino turístico pela exuberância da fauna e da flora esconde, entre ipês e tuiuiús, uma realidade hostil para as mulheres que permanecem à margem da sociedade, em subempregos, presas a marcadores sociais de gênero, sobrecarregadas física e emocionalmente, sem a devida valorização econômica por seu trabalho, com jornadas laborais extenuantes e com profundo desamparo social.

A análise crítica evidencia que, apesar das promessas de desenvolvimento e progresso, as mudanças trazidas pelo turismo se constituem de forma superficial, não alterando substancialmente as condições de trabalho das mulheres na região. A persistente desvalorização do trabalho doméstico, exacerbada pela falta de políticas públicas efetivas e infraestrutura básica de assistência e moradia, impede o rompimento do ciclo de exploração. Portanto, esta pesquisa não apenas documenta a realidade das mulheres pantaneiras, mas também lança luzes sobre a falha estrutural em reconhecer e valorizar a comunidade ribeirinha enquanto morada de diferentes pessoas, onde é encontrado contextos de vulnerabilidade social e econômica.

Considerando a proposta do artigo de compreender o trabalho da mulher no turismo do Pantanal, tomando como base a invisibilidade do trabalho doméstico e a economia do cuidado, foi contemplada ao revelar que é urgente a necessidade de repensar políticas públicas e abordagens ao trabalho feminino, tanto no âmbito doméstico quanto no mercado de trabalho. Assim, as mulheres que sustentam a base da sociedade, que produzem a sociedade no ato de “gestar”, e por vezes são desvalorizadas poderão esperar outras perspectivas de vida, fora do espectro da exploração do trabalho em um sistema que marginaliza e adoce as pessoas.

As ações que possam minimizar a problemática do trabalho feminino no Pantanal exigem um compromisso político e social além do discurso, promovendo ações concretas que assegurem a igualdade de oportunidades e o reconhecimento pleno das contribuições dessas mulheres.

O turismo no Pantanal é motivado principalmente pela natureza, seja por contemplação ou pesca esportiva, os turistas partem em busca de maiores e melhores exemplares de peixes ou por avistar elementos icônicos da fauna, quais sejam, jacarés, tuiuiús, araras, ariranhas, sucuris e a onça, esses animais estampados em souvenirs como bonés, camisetas, canecas, chaveiros etc., simboliza a região e atrai muitos turistas. Além de atrativo para o turismo, a onça-pintada, que de hostil ascendeu ao *status* de objeto de desejo para o turismo, também representa a mulher pantaneira, como um símbolo de força e resistência, com um pormenor representativo, diferente das onças, as mulheres residentes do Pantanal não possuem a mesma atenção e cuidados que as felinas; longe dos



olhares governamentais, as moradoras das comunidades pantaneiras são frequentemente tomadas pelo sentimento de exclusão, vulnerabilidade e uma espécie de esquecimento político e social.

## REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JR., A. **Nativos em trânsito: catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-grossense**, 2002. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BAPTISTA, P. G. **Imigração e trabalho doméstico: o caso português**, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, 2011.
- FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. [s.l.]: **Editora Elefante**, 2019.
- FIGARO, R. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, ano 5, n. 9, p. 91-100, 2008.
- IBGE. **Cidades e Estados: Mato Grosso do Sul**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms.html>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- MACHADO, R, X; BRATICEVIC, S, I; O turismo na estrada parque Pantanal, Corumbá, Brasil. Associação de Geógrafos Brasileiros; **GeoPantanal**; 12; Especial; p. 461-474, 2017.
- NEVES, M. **Trabalho invisível, profissão “do lar”**. A queda do matriarcado e a desvalorização do trabalho feminino. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. O trabalho do antropólogo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 39 n. 11, p. 13-37, 1996.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E. C. Globalização e tecnologia: olhares do Pantanal para o mundo. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 92–107, 2014.
- RIBEIRO, M. A.; VARGAS, I. A. de; ARAÚJO, A. P. C. de. Estrada-parque Pantanal, MS, Brasil: paisagens ressignificadas, modos de vida alterados. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, p. 1-11, 2011.
- RIBEIRO, M. A.; VARGAS, I. A. de; ARAÚJO, A. P. C. de. Um Pantanal de Marias e Marruás. **Revista GeoPantanal**, Corumbá/MS, n. 31, p. 29-45, jul./dez. 2021
- RIBEIRO, M; MORETTI, E, C. Processo de ressignificação da geografia do Pantanal. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 11, n. 24, p. 43-51, 2012.



ROCHA, G. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

THOMÉ, P. A mulher pantaneira e sua relação de trabalho com o turismo. **Entre Lugar**, v. 9, n.18, p. 126-149, 2018.